



APRESENTAÇÃO

Polissêmica e sempre apta a revisões, a noção de “diáspora” tem inspirado poetas, cronistas ou ficcionistas a imaginar estética e ideologicamente seus lugares de pertença ou de obsessão. Pelo fato de emergirem em contextos periféricos de produção, em um continente que abrigou ao longo de toda sua história trocas e embates resultantes de fluxos migratórios de distintos grupos culturais, as textualidades africanas souberam articular eficazmente no plano temático, formal e mesmo institucional as ideias de deslocamento, distanciamento e exílio, categorias quase sempre associadas ao universo diaspórico. Além disso, muitos de seus autores viveram experiências dessa natureza, fossem elas forçadas ou voluntárias, dentro ou fora de seus espaços de afetividade. O número 14 da Revista Mulemba oferece um conjunto de ensaios que confirma a importância histórica, a heterogeneidade de olhares e a atualidade dessas temáticas nas literaturas africanas de língua portuguesa.

Em “Entre a crônica e a poesia, os quintais de Ernesto Lara Filho”, Andrea Cristina Muraro examina a relevância da cidade de Benguela na obra de Ernesto Lara Filho, sublinhando, a partir da leitura de vários poemas, um dos principais espaços literários do poeta angolano: o quintal. Partindo do romance *O outro pé da sereia*, de Mia Couto, Cláudia Barbosa de Medeiros, em “A reinvenção do corpo: perspectivas diaspóricas”, reflete sobre a discursividade do corpo, que, devido a sua natureza híbrida e à amplitude de significados que pode abarcar, favorece a inscrição das temáticas do deslocamento e da coexistência identitária na narrativa. Em “Diáspora no Atlântico e regresso triunfal do Imperador Nguni ao Oceano Índico em ‘Os ossos de Ngungunhana’ (2004), de Marcelo Panguana”, Denise Rocha analisa o exílio e o retorno vividos, neste caso, pelo último imperador de Gaza, e a maneira como ambos os movimentos são representados na narrativa do prosador moçambicano e em alguns documentos históricos. Considerando a diáspora como um espaço de trânsito cultural, Júlio César Machado de Paula, em “Das vozes que vêm: coralidade, tempo e resistência em ‘Deixa passar o meu povo’, de Noémia de Sousa”, observa o modo como a música coral norte-americana auxilia – e configura – a resistência nos versos da poeta moçambicana. Por sua vez, em “Poesia africana feminina: memórias e testemunhos do vivido”, Laura Cavalcante Padilha privilegia a produção da são-tomense Alda Espírito Santo e da moçambicana Noémia de Sousa para identificar, a partir da análise de diversos poemas, os conflitos históricos e a violência exercida sobre a mulher. O artigo reitera, assim, os laços entre o ético e o estético que os versos dessas duas autoras emblemáticas das literaturas africanas de língua portuguesa encenam. Já Marcelo Franz e Victor de Barros Rodrigues, no artigo “Nação crioula e narrativa crioula: mesclas discursivas na construção de um retrato complexo da escravidão”, examinam o diálogo que a narrativa de José Eduardo Agualusa estabelece com a obra de Eça de Queirós. Além disso, desenvolvem a ideia, com o apoio teórico de Édouard Glissant, de que a própria narrativa do ficcionista angolano é constituída por uma espécie de “crioulidade” interna. Em “Rui Knopfli: uma poética da heterotopia”, Mário César Lugarinho repensa a tensão entre a matéria literária e a experiência vivida pelo

poeta moçambicano a partir do conceito de “heterotopia” elaborado por Michel Foucault, dando destaque, em simultâneo, à ideia de afeto em sua relação com o sentido, a memória e a corporalidade. Analisando as relações entre texto e institucionalização literária em “*Alter-idade em casa: o exílio interno no romance moçambicano*”, Nazir Ahmed Can defende a hipótese de que o exílio interno é o fundamento do campo literário moçambicano e o elemento que estrutura o romance do país. Em “O rio da diáspora e a casa do pertencimento: reflexões em torno de *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*”, Sueli Saraiva enfatiza as relações entre tradição e modernidade erguidas pelo romance de Mia Couto, bem como a importância da temática da viagem à terra natal vivida pelo protagonista da narrativa, que é aqui interpretado como um sujeito diaspórico. Finalmente, em “A experiência flutuante de Paulina Chiziane: exílios internos e escritas de si em *Niketche*”, Victor Azevedo avalia as estratégias que permitem à romancista moçambicana se posicionar de maneira especular no interior da própria cadeia narrativa para, a partir dessa suspensão, construir fronteiras e exílios internos.

Encerrando este passeio pelas diversas formas de deslocamentos, a Revista Mulemba tem o prazer de publicar o inédito “Diáspora”, conto do escritor angolano Carmo Neto.

Não poderíamos finalizar, contudo, esta breve apresentação sem evocar a figura do africanista, professor e crítico literário Russell G. Hamilton. Manifestando nosso profundo pesar por seu recente falecimento, gostaríamos de agradecer sua inestimável contribuição à área de estudos e dedicar o presente número a sua memória.